

Escuta Sedes

Ana Lucia Gondim Bastos
Celina Giacomelli
Fernando Garcia Carvalho do Amaral

O Escuta Sedes é uma iniciativa da comunidade Sedes que se insere num conjunto mais amplo de ações propostas pela instituição para fazer frente ao incremento da violência nas relações cotidianas em nosso país. Como estratégia para deter o esgarçamento dos laços sociais, o projeto propõe a realização de rodas de conversa sobre o sofrimento psíquico causado pelo contexto sociopolítico. O reconhecimento da importância de fazer circular a palavra num ambiente democrático, construir e retomar laços de cuidado como forma de barrar a violência resultou na homenagem feita ao Escuta Sedes pelo 12º prêmio Carrano de Luta Antimanicomial e Direitos Humanos.

A Revista Boletim Formação em Psicanálise (BFP) convidou Ana Lúcia Bastos Gondim, Celina Giacometti e Fernando Garcia Carvalho do Amaral, psicanalistas que atuam no Escuta Sedes, para contarem a história desse projeto. A entrevista foi realizada por Gisele Assuar e Luana Viscardi Nunes, em 31 de Julho de 2020, pela plataforma virtual Zoom.

BFP: O Escuta Sedes nasceu de uma mobilização do Instituto Sedes anterior ao segundo turno das eleições presidenciais de 2018.

Como foi essa história?

Celina: Foi uma chamada do psicanalista Eduardo Lara, numa quarta-feira de outubro, logo depois do resultado do primeiro turno. Ele fez uma chamada geral e de lá saíram vários grupos de trabalho. Um deles foi mais voltado para a questão da escuta: o Escuta Sedes.

BFP: E como foi essa chamada do Eduardo Lara?

Fernando: Numa quarta-feira a gente chegou no Sedes e encontrou nas salas um comunicado de que haveria uma reunião para discutir a questão das eleições, o clima de belicosidade, de discurso violento, virulento, que estávamos vivendo.

Ana: E o convite foi feito para o Instituto Sedes como um todo.

Celina: O que foi muito legal, porque todo mundo resolveu se reunir sem departamento, sem curso, sem essa distinção.

Fernando: Os funcionários também foram.

Ana: E pessoas que já tinham feito cursos no Sedes e por algum motivo estavam no mailing. Tinha inclusive ex- alunos do Sedes.

Celina: Era a comunidade Sedes. Foi uma convocação super às pressas, mas geral.

Fernando: E veio bastante gente. Estava bem cheio.

Ana: Foi uma mobilização que resultou em vários grupos de trabalho.

BFP: Além do Escuta saíram outros grupos daquela primeira reunião?

Celina: O “Barrar a violência” era um de que me lembro, e que sobreviveu.

Ana: Foi um grupo que trouxe pessoas como o jurista Pedro Serrano e o cientista político e deputado federal Daniel Cara para discutir com a comunidade Sedes. Acredito que foram grupos que ajudaram muito nessa integração da instituição. A gente viveu uma coisa muito integrada. Viveu e estamos vivendo.

BFP: E houve um grupo que fez uma mobilização de rua antes do segundo turno, que foi conversar, fazer um corpo a corpo com os eleitores.

Ana: Sim, esse grupo era pré-eleição. Eles foram para a avenida Paulista, para lugares bem movimentados, para conversar com eleitores, entender as preocupações. Acho que uma coisa importante desses grupos, e na nossa experiência do Escuta de um modo particular, foram os encontros e reencontros. Aconteceram muitos reencontros, muitas relações ressignificadas. E muitos encontros novos, amizades...mesmo nós três aqui. Fortalecemos vínculos muito importantes para segurar o rojão.

Celina: Foi fundamental naquela época, porque penso que a interlocução que estávamos oferecendo para aqueles que vinham angustiados com a situação política também era uma interlocução que nós estávamos precisando. Estava todo mundo muito assustado. Acho que era um acolhimento oferecido tanto à população quanto a nós. Nas reuniões do Escuta, que eram bastante frequentes, também nos acolhíamos mutuamente. Para mim foi importantíssimo, foi fundamental para a sobrevivência mesmo.

BFP: Como as rodas se constituíram?
Como vocês chamaram as pessoas?

Celina: Tem uma coisa anterior, que eu acho importante mencionar, que é o fato de a diretoria do Sedes ter acolhido o Escuta com muito entusiasmo, animados com a ideia de toda a comunidade Sedes trabalhando conjuntamente. Isso foi muito bacana. Não era a iniciativa de um departamento, era da comunidade Sedes. Eu posso falar mais do período inicial, porque me afastei em 2019 por conta de outros projetos. Nas duas semanas entre o primeiro e o segundo turnos, tínhamos rodas de manhã, de tarde e de noite, de segunda a sábado. Todo mundo estupefato com o que estava acontecendo, mas querendo de alguma forma acolher. Discursos de ódio, separações que não permitiam um diálogo entre as partes envolvidas com um ou outro candidato... todos estavam muito violentos, e os discursos no consultório também chegavam assim. Então, organizamos rodas de conversa com dois ou três coordenadores e uma retaguarda.

Ana: Uma coisa interessante é que, no início, não éramos todos psicanalistas. E, por isso, a proposta inicial era deixar que a palavra circulasse, num momento em que as pessoas estavam se sentindo muito acuadas. Inclusive

com a violência nas redes sociais, com a dificuldade de se colocar, de dialogar. Construímos um espaço onde as pessoas se encontravam presencialmente – essa questão de ser presencial era uma coisa bastante valorizada, inclusive falada durante as rodas. E outro aspecto interessante era que os coordenadores não se conheciam muito, ou estavam acabando de se conhecer.

Celina: Nos encontrávamos na cantina, marcávamos um tempinho antes para trocarmos algumas ideias. Eu entrei numa roda com a Gisele Assuar, que eu conheço, mas havia pessoas que eu nunca tinha visto antes. E foi muito interessante isso, porque parecia que a gente estava improvisando, mas, na verdade, estávamos construindo juntos um projeto.

Ana: Construindo uma coisa nova que era regida por um princípio ético comum, que tinha a ver com aquilo que nos uniu naquela primeira reunião: um discurso antiviência.

Celina: E que tinha um caráter não partidário. Nosso objetivo era acolher e promover interlocução, então não sabíamos o que chegaria. Pensávamos que eventualmente poderia acontecer alguma situação mais violenta, mas confiávamos que os coordenadores poderiam, de alguma forma, segurar essa onda eventual de polarização muito forte. No entanto, não houve nenhuma situação assim.

BFP: Quem procurava a roda? Quais eram as angústias?

Celina: Apareciam mais pessoas que tinham uma afinidade com o que é a proposta do Sedes. Era a maioria.

Fernando: A angústia principal vinha, sobretudo, das confusões com amigos e com familiares. Até brincávamos que era uma operação de salvar o peru de Natal. Algumas vezes essa coisa surgiu nas rodas, que a festa, a ceia de Natal, estava indo pro vinagre por causa das discussões e de muitos embates com a família. E muitos ex-militantes, de épocas de enfrentamento à ditadura, que estavam revisitando um certo discurso, uma certa animosidade no ar que os deixava realmente bastante tocados e angustiados. Eram esses dois grupos, eu acho, que no começo frequentavam mais. Tinha muita gente com esse perfil.

Ana: E havia também grupos que se sentiam alvo de ataques: os profissionais da cultura, da educação, a população LGBTQI+, pessoas com deficiências físicas, porque todas as políticas públicas anunciadas eram de perda de muitos

direitos desses grupos. Penso que, tanto essa população que vivenciou a ditadura, e não acreditava que poderia voltar a presenciar algo semelhante, quanto essas pessoas que faziam parte dos grupos que eram alvos de ataques apresentavam-se muito amedrontadas e estarecidas, muitas vezes com os próprios familiares apoiando esse tipo de discurso.

Celina: E que normalizaram a violência, tornando-a um discurso possível. Isso era muito assustador. Era não, continua sendo muito assustador.

BFP: Depois do resultado da eleição presidencial, o Escuta Sedes fez uma pausa para avaliação do trabalho. Quais os resultados dessa avaliação?

Ana: Avaliamos que era importante continuar as rodas. Entre os dois turnos das eleições, nós fazíamos muitos grupos todos os dias. Eram vários horários e aí, a cada semana, tínhamos que fazer toda a divulgação. Para a nossa organização foi uma loucura! Depois a roda passou a acontecer num só dia, no mesmo horário, na mesma sala e começamos a pensar em outras possibilidades de diálogos com a sociedade, como rodas itinerantes e rodas mediadas. Chegamos a ter duas rodas mediadas com filmes. A ideia era ter a mediação de uma obra – que não precisava ser um filme necessariamente – uma obra ou um participante convidado, enfim, algo ou alguém que pudesse ser o disparador de uma conversa.

Celina: Houve também uma interlocução com pessoas de outras instituições que queriam trocar experiências de como montar rodas e outros grupos semelhantes ao Escuta, pensando juntos as questões com as quais estávamos nos defrontando. Por ora, essas frentes de trabalho terão que esperar pelo fim da pandemia.

Ana: Agora com a pandemia, o que está bem consolidada é a roda que passou a acontecer virtualmente, pela plataforma Zoom.

BFP: Vocês acreditam que a polarização política trouxe um novo tipo de sofrimento?

Fernando: Trouxe sim. E é isso que manteve a roda de 2018 pra cá. Escutando as pessoas percebemos que, para além da demanda em relação às brigas em família e um amedrontamento em relação ao futuro, começou a aparecer também uma coisa mais diluída e muito tóxica que tem a ver com a essência

discursiva do Bolsonaro. Um discurso tóxico que vai minando, independentemente da pessoa ter votado em fulano ou beltrano. A vida fica mais difícil, as pessoas começam a sentir receio de expor determinadas opiniões aqui ou ali, começam a se questionar o que é verdade e o que não é. Para nosso trabalho, 2019 foi um ano interessante, porque essas demandas puderam ser construídas e, por isso, as rodas continuam vivas e existindo, ganharam corpo, viraram algo orgânico. Talvez essa toxidade do Bolsonaro continue sendo o grande vetor que traga as pessoas.

Ana: É a era Bolsonaro, era das fake news, da ideia de que a terra é plana. Você não sabe no que acreditar, algumas coisas que pareciam já consenso na realidade compartilhada ficam ameaçadas. Eu me lembro de uma fala, numa roda, que achei muito emblemática: “Parece que a gente está numa invasão zumbi e eu nunca sei se a pessoa que está ao meu lado já foi mordida ou não, então não sei o que posso falar e o que não. Porque, de repente, se falar que a terra é redonda, estarei agredindo alguém”.

Celina: É uma verdadeira distopia, um absurdo que só piorou pós pandemia. Joel Birman traz uma ideia interessante pra pensarmos a questão. Ele aponta que o mal estar que estamos vivenciando na atualidade se refere a um sentimento de desalento, sentimento que está para além do desamparo, porque fala de um discurso que não tem a quem dirigir seu apelo, um apelo que possa ser escutado no convívio com a alteridade. Acho que tudo isso é muito enlouquecedor e isola o sujeito. Antes mesmo do isolamento pandêmico já estávamos vivendo um isolamento do discurso, porque já não se conversava de jeito nenhum nas diferenças. Isso promove o que ele chama de desalento, que eu acho perfeito. Não há a quem dirigir um apelo quando se banaliza algumas práticas como tortura, discriminação, exclusão de certos setores da cultura. E soma-se a isso a insegurança absurda que nos assola: o desemprego, a violência banalizada, tudo isso compõe o que ele chama de desalento.

Fernando: A quem você dirige seu mal estar em relação às fake news, por exemplo? Como você argumenta em relação a isso? Acho que é uma nova demanda, não que essas questões nunca tenham existido, mas hoje tomaram uma proporção que virou de fato um problema de saúde mental.

Ana: A negação histórica também é profundamente desconcertante. Você dizer que aquilo que alguém viveu não foi vivido, como, por exemplo, para as vítimas da ditadura, é enlouquecedor.

Celina: Ou dizer que o discurso da ciência não presta, que é um discurso que deve ser jogado no lixo. É um mal estar profundo e, lendo o Birman, percebemos que uma saída possível para isso está no reconhecimento da necessidade de estar com, da solidariedade como alternativa à proposta da cultura atual. O acolhimento como contraposição direta a esse discurso de ódio.

Ana: O Escuta tem essa proposta, tanto entre nós, coordenadores, na preocupação que temos uns com os outros, quanto no cuidado com os participantes. Acreditamos que aí está a saída para o sofrimento desse momento. Insistir, resistir e continuar a existir!

Celina: Isso é fundamental no concreto da nossa realidade pandêmica, porque as pessoas estão isoladas, precisando ter um espaço de circulação da palavra, de troca, que é extremamente necessária. O solipsismo tornou-se algo absolutamente instituído agora, é quase uma instituição mesmo, então temos que resistir. Para poder existir novamente e para construir uma possibilidade de projetar algum futuro. Resgatar um passado, que não seja apagado, e poder pensar num futuro, construir esperança.

Ana: Isso está sendo tão valorizado, que uma coisa que se observa nessas rodas feitas pelo Zoom, que têm uma dinâmica diferente das rodas presenciais, é que, por mais heterogêneas que sejam as formações dos grupos, as ideias, as bagagens, as idades, notamos que as pessoas estão muito cuidadosas e receptivas ao discurso do outro. Ainda quando querem fazer correções de posições ou lugar de fala, ou divergir mesmo, percebe-se que existe uma escuta muito, muito cuidadosa.

BFP: O trabalho do Escuta expressa aquilo que temos chamado de clínica ampliada, que acontece fora dos limites do consultório. Vocês poderiam falar um pouco mais disso, da potência que essa psicanálise pode ter na construção de laços em que a alteridade possa estar presente, onde se possa ouvir, divergir de uma maneira tal que o laço com o outro não seja destruído?

Celina: Já em 1919, no Quinto Congresso Psicanalítico Internacional, em Budapeste, Freud fala da necessidade da psicanálise se dirigir a uma população mais ampla. Até porque, vivia-se o pós guerra e existia uma grande necessidade de atender uma população traumatizada, algo semelhante ao que estamos vivendo agora.

Nesse contexto, Freud faz uma proposta de uma clínica pública. A partir dali, várias clínicas sociais foram montadas em Berlim, Viena, Londres, gratuitas na sua maior parte. Interessante que eu tinha lido anteriormente esse texto do Freud – *Caminhos da Psicoterapia Psicanalítica* - e não tinha me atentado para essa proposta que está no final do artigo. É uma proposta clara de abertura da psicanálise para a população em geral. Hoje, mais do que nunca, essa é uma demanda, que se instaurou pelas vias de um discurso que incita a violência, então acho que a psicanálise tem que se abrir sim, não tenho nenhuma dúvida disso, e já está se abrindo.

Fernando: Acho legal falarmos dos laços que foram construídos ao longo desses dois anos do Escuta. Laços que foram construídos primeiro entre os psicanalistas, porque a maioria não se conhecia, e laços entre quem frequenta as rodas e o projeto. A demanda de ter os atendimentos, ou de ter o Escuta por meio virtual, por exemplo, foi de quem já participava das rodas.

Celina: Tem algumas vantagens de fazer virtual, por exemplo a possibilidade do mundo inteiro entrar.

Ana: Fica heterogêneo mesmo, o que é a nossa ideia. E acho que com essa facilidade do não deslocamento, as pessoas arriscam mais. Não tínhamos pensado nisso, acabou sendo uma surpresa. A gente só tinha pensado nas dificuldades, mas facilitou para algumas pessoas também.

BFP: Receber o prêmio Carrano de Luta Antimanicomial foi um reconhecimento importante para o Escuta. Qual é o significado do prêmio pro grupo?

Fernando: O prêmio destaca a importância de dispositivos como o Escuta para a promoção da saúde mental num momento em que as relações sociais estão se deteriorando. É o reconhecimento de que o projeto que vem sendo construído por nós está funcionando e está sendo escutado. Esse reconhecimento é muito legal. Foi inesperado e foi muito bom.

Celina: Outro dia, estava ouvindo numa live a Radmila Zygouris falando sobre a importância do conceito de transferência horizontal para a escuta atual. Me parece que isso está muito presente nas rodas, na medida em que não temos uma preocupação em interpretar. Ninguém fica numa linha de interpretação. O que existe no Escuta são encontros. Encontros coordenados por psicanalistas. Essa horizontalidade é o que sempre mais me impressionou no Escuta. Desde

a troca entre departamentos, a troca entre analistas, a troca entre analistas e participantes das rodas de conversa e dos participantes entre si.

BFP: É uma vivência absolutamente democrática.

Ana: No Escuta, estamos sempre representando um coletivo. Trabalhamos muito pouco, ou quase nada, de forma individualizada. Quando a gente entra para coordenar, a sensação é de confiança mútua, não tem uma competitividade ou uma hierarquia. Realmente é uma coisa bem horizontal e colaborativa.